

Mailson tentará nos EUA acertar acordo com FMI

LUIZ ROBERTO
MARINHO

Da Editoria de Economia

O ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, tem hoje, em Washington, uma difícil missão política. Vai procurar remover sérios obstáculos a um acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) viável para o País tentando conciliar as posições liberalizantes do seu diretor-gerente, Michel Camdessus, com quem se reúne às 17h30, no último compromisso de uma agenda movimentada, e o receituário ortodoxo da burocracia da instituição, que segue à risca os estatutos do Fundo. %E Interessa a Camdessus um acordo com o Brasil principalmente para recuperar a imagem do FMI, seriamente arranhada após sucessivas cartas de intenções com metas não cumpridas pelo País, no Governo Figueiredo, o que foi agravado por episódio idêntico com a carta de intenções recentemente firmada com a Argentina. O nó górdio da questão está na meta do déficit público para este ano a ser negociada no acordo, que a burocracia do Fundo exige ser zero. Mailson dirá a Camdessus, hoje à tarde, que tal exigência é técnica e politicamente impraticável, insistindo numa meta entre 3,5 e 4 por cento do Produto Interno Bruto (PIB).

O ministro da Fazenda tentará aproveitar o interesse de Camdessus no acordo com o Brasil para fazer valer a meta do déficit entre 3,5 e 4 por cento do PIB, mostrando-lhe que a exigência do segundo escalão de um déficit zero inviabiliza o acordo. São mais facilmente contornáveis outras questões em que não houve consenso entre a Divisão do Atlântico Sul e a delegação brasileira que, por duas vezes, esteve com seus técnicos em Washington.

É o caso, por exemplo, dos prazos de monitoramento das metas do acordo, que o Brasil pretende ampliar para seis meses, enquanto a Divisão do Atlântico Sul deseja manter os três meses tradicionais — ou seja, o País quer metas semestrais, enquanto o segundo escalão do

Fundo pretende continuar com metas trimestrais. O governo quer, também, que na eventualidade de metas não cumpridas, não seja necessário negociar um novo acordo, como acontece usualmente, ocorrendo apenas a suspensão do desembolso das parcelas do empréstimo stand-by (sob condições).

Mailson conta com fortes aliados na defesa de um acordo viável com o FMI. Os bancos credores são os primeiros, porque um acordo entre o Fundo e o Brasil, o mais rápido possível, acelera a adesão dos bancos credores ao acordo de renegociação da dívida que está próximo de ser fechado pelo comitê dos bancos. O acordo com o Fundo agrada, igualmente, aos organismos governamentais integrantes do Clube de Paris, que estão deixando de obter bons lucros pela paralisação dos financiamentos às importações brasileiras, nas quais participam com 40 por cento.

COM O BIRD

A agenda do ministro da Fazenda em Washington, para onde embarcou ontem à noite, prevê outras reuniões importantes, além de Camdessus. Às 12h45, ele almoça com o vice-presidente do Banco Mundial (Bird), Moeen Qureshi, a quem dirá ser fundamental o retorno dos empréstimos do Banco, pois o Brasil não suportará arcar novamente, como em 87, com um saldo líquido negativo de desembolsos (pagar mais do que receber em empréstimos), junto ao Bird, estimado em 1,8 bilhão de dólares para este ano.

Às 14h15, participa da assinatura de um contrato de empréstimo do Bird, de 109 milhões de dólares, a ser aplicado no programa de combate a endemias rurais no Nordeste, e 45 minutos depois se avista com o presidente do Federal Reserve (o banco central dos EUA), Alan Greenspan. Às 16h30 se reúne com o secretário do Tesouro, James Baker III, encerrando sua rápida estadia em Washington com o diretor-gerente do FMI. Mailson desembarca em Brasília domingo de manhã.